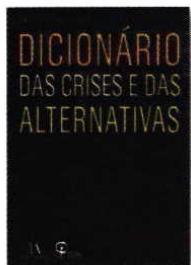


de Alexandra Oliveira é um contributo prolífero, quer para continuar a discussão em torno das relações entre trabalho e reprodução social, quer no âmbito do activismo e das teorias feministas.

INÉS GALVÃO

ECONOMIA



Dicionário das Crises e das Alternativas

ANA CRISTINA SANTOS, BRUNO SENA MARTINS, JOÃO PAULO DIAS, JOÃO RODRIGUES E MARGARIDA GOMES (COORD.)

Centro de Estudos Sociais/Edições Almedina, Coimbra, 2012, 218 pp., € 3.

Como gotas que começam a cair do céu, um conjunto de palavras e conceitos (outrora confinados aos departamentos académicos ou, quando muito, às secções especializadas de jornais, rádios e televisões), passaram a fazer parte do nosso quotidiano. Pode aliás com alguma segurança afirmar-se que *subprime* é o primeiro destes conceitos «técnicos» a invadir o espaço público, em 2007, declarando formal e simbolicamente o início da crise em que estamos mergulhados, gerada pelo processo de gradual e larvar desregulamentação do sistema financeiro.

Esta invasão do espaço informativo, e consequentemente da vida quotidiana, por palavras muitas vezes oriundas do universo académico, não ocorre, contudo, de forma isenta ou suficientemente debatida. Sublinhando-se o seu pretenso estatuto científico (no sentido de uma natureza supostamente neutra e objectiva), muitas destas palavras e conceitos são apresentados de modo a legitimar e instaurar um quadro específico de opções políticas, no qual assenta, por exemplo, o regime austertário a que nos encontramos sujeitos. Não porque essas palavras e conceitos, como tudo em ciência, não sejam objecto de interpretações plurais e de reformulações constantes, que reflectem a evolução e os termos do próprio debate científico. Apenas porque o seu manuseamento é facilitado pelo acesso privilegiado que as correntes dominantes de pensamento têm aos meios de comunicação social (o caso da Economia é neste sentido paradigmático e muito relevante), os quais cooperam,

em regrassa por simples comodismo, no processo de transferência, para o espaço público, de uma visão parcelar, amputada ou enviesada desses mesmos conceitos.

As palavras são contudo importantes. Elas encerram os significados que deliberadamente se lhes atribuem e materializam-se em escolhas, em políticas concretas, em realidade. Tanto pelo sentido selectivo que se lhes quer atribuir como pelo desconhecimento que sobre elas se pretende manter, blindando-as numa complexa teia de termos técnicos inacessíveis, que desincentivam a sua compreensão ao mesmo tempo que as consagram como portadoras de incontestáveis verdades.

É neste contexto que a publicação do *Dicionário das Crises e das Alternativas* constitui um importante gesto de insurreição académica perante os discursos dominantes, sublinhando a necessidade de tornar acessíveis e de problematizar e desconstruir muitas das palavras que hoje polvilham o quotidiano e que afectam directa ou indirectamente a vida das pessoas. Envolvendo 113 investigadores do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, responsáveis pelas 222 palavras e conceitos que integram a primeira versão deste projecto, o dicionário pretende, como refere Boaventura de Sousa Santos no prefácio da obra, «contribuir para aumentar a capacidade de controlo das cidadãs e cidadãos sobre o que lêem, ouvem ou vêem, entendendo o que é dito e o que fica por dizer, abrindo espaço para pensarem soluções alternativas para os seus problemas».

Alguns traços importantes merecem ser sublinhados na concepção deste dicionário. Não se trata, desde logo, de pretender apresentar uma «outra verdade única» sobre as palavras, que se contraponha às narrativas dominantes. Do que se trata é, assumidamente, de tornar essas palavras perceptíveis, apresentando interpretações que assumem a pluralidade de sentidos e enfoques que as mesmas comportam. Em segundo lugar, o significado das palavras é estabelecido de modo a facilitar a sua apreensão pelo cidadão comum, sendo por isso intencionalmente evitado o recurso a linguagem técnica e ao «jargão científico», que apenas reforçariam a dificuldade em compreender o mundo novo em que as sociedades e os cidadãos hoje se movem.

Elaborado num curto espaço de tempo e reunindo um conjunto de investigadores provenientes de domínios científicos muito diversificados (da Economia à Ciência Política e da Sociologia à Linguística e à Arquitectura), é ainda notável o facto de as diferentes palavras e conceitos serem explicitados num registo de escrita muito semelhante, como se a obra tivesse – afinal – um único autor.

NUNO SERRA